

PREFÁCIO

A modernidade corajosa e bem-humorada de um pensador do seu tempo

Paulo Castagna
Instituto de Artes da Unesp

CASTAGNA, Paulo. Apresentação: A modernidade corajosa e bem-humorada de um pensador do seu tempo. In: GOLDBERG, Luiz Guilherme Duro. *Um Garatuja entre Wotan e o Fauno: Alberto Nepomuceno e o modernismo musical brasileiro*. Porto Alegre: Movimento, 2011. p.9-12. ISBN 978-85-7195-152-5.

Desnecessárias seriam as referências a Luiz Guilherme Goldberg, não fosse o fato de ele próprio evitar sua divulgação, o que não é muito comum no meio acadêmico. Destacado intérprete, professor, orientador, editor, empreendedor, pesquisador e autor de publicações referenciais sobre a música brasileira, especialmente do período entre o final do século XIX e o início do XX, Goldberg dedica-se, entre outros, aos estudos históricos e à edição de partituras, com mais de uma centena de composições impressas de autores antigos e contemporâneos. Sua constância nos eventos brasileiros do campo da musicologia e sua dedicação ao trabalho acadêmico são exemplos que nos ajudam na difícil busca de uma postura equilibrada em meio ao desequilíbrio da vida atual.

Este livro - resultado de uma extensa pesquisa de doutorado - propõe uma nova visão sobre o significado do trabalho de Alberto Nepomuceno (Fortaleza, 1864 - Rio de Janeiro, 1920) e dedica um grande esforço para nos mostrar que a imagem que nos chegou desse magnífico compositor é bastante reduzida e mesmo distorcida. Partindo da constatação de que até recentemente o compositor era visto principalmente como um romântico tardio, Goldberg formula a seguinte pergunta: “*como se justifica que somente aos olhos de seus contemporâneos Nepomuceno fosse considerado moderno?*” Boa parte das respostas são encontradas nos mitos do nacionalismo, da vanguarda radical e da atemporalidade, que o pesquisador gaúcho examina atentamente, para nos proporcionar explicações convincentes sobre a construção (ou desconstrução) da imagem que do compositor chegou até o presente.

Ao analisar as relações de Alberto Nepomuceno com o modernismo musical, Goldberg percebe que os limites cronológicos e o próprio significado de “modernismo” variam bastante entre os estudos referenciais sobre o assunto. A partir dessa dificuldade, o musicólogo explora as diferentes noções que circulam a respeito do modernismo e, no lugar da exclusiva e convencional descrição de seus últimos resultados, vai às raízes desse movimento, onde localiza a atuação de Alberto Nepomuceno. Aparece-nos, assim, um compositor que participou das ações da primeira geração de modernistas brasileiros, que apoiou Glauco Velásquez, Heitor Villa-Lobos e Darius Milhaud, e cujas composições partem de um romantismo pós-wagneriano para uma mescla com procedimentos típicos do modernismo francês, como o uso de estruturas harmônicas duplas, da bitonalidade, do modalismo e dos tons inteiros.

Resultado de uma ampla pesquisa arquivística, o trabalho é exemplar por nos sugerir eficientes caminhos de investigação para temas de grande relevância, a partir de vários métodos e olhares. O livro inclui, além das questões históricas, a cuidadosa análise das *Variations sur un thème original op.29*, para piano, do *Trio em fá sustenido menor* e do

ciclo *Le miracle de la semence*, para barítono e piano/orquestra, análise que evidencia o caráter inovador dessas obras para o meio musical da época e apresenta indubitáveis argumentos que sustentam a tese da modernidade do compositor cearense. E cabe aqui um comentário sobre o método de análise de Guilherme Goldberg que, muito além de limitar-se a descrever os elementos técnicos das obras em questão, principia seu estudo com um amplo panorama técnico contemporâneo às obras estudadas para, somente depois, relacionar a arquitetura de cada obra às práticas arquitetônicas de sua época. Goldberg deixa, assim, a zoológica e botânica pergunta “o que é?” para ingressar na ecológica formulação “o que é em relação a?”. Trata-se de uma visão moderna sobre o papel da análise, que deixa de lado a hermética e muitas vezes vazia erudição descritiva, para uma busca aberta de relações entre o compositor e seu tempo, sem temer os seus caminhos e os seus resultados.

A questão que Goldberg levanta sobre Alberto Nepomuceno é duplamente corajosa, pois muda bastante a limitada visão que circulava sobre a música desse compositor e, ao mesmo tempo, nos presenteia com um grande estímulo à mudança da visão sobre o nosso próprio tempo. Afinal, talvez pudéssemos pensar o modernismo não apenas como o nome de um período histórico que ocorreu há cerca de um século e que nunca mais retornará, mas também como uma permanente atitude humana frente à automática preservação do passado, seja qual for a época em foco. É justamente para essa direção que aponta o historiador Frederick Karl, para quem, de acordo com Goldberg, “*a transcendência da lógica histórica seria a característica fundamental da vanguarda*”. Essa visão nos ajuda até a deixar de lado o determinismo histórico, que somente valida a inovação que se encaixe em uma progressão linear. Ser moderno, de acordo com a lógica de Karl, é sair da previsibilidade e ingressar no universo das infinitas possibilidades ou, em outras palavras, deixar de ser “o que já é” e vislumbrar “o que também poderia ser”.

A busca do novo não foi característica de uma época específica. A busca do novo é uma preocupação humana constante, desde os tempos mais remotos. Tanto a invenção da roda quanto a construção do computador foram fatos novos e de grande relevância para suas épocas. O novo é necessário para resolver novos conflitos, novos problemas, novas necessidades. Sem o novo não conseguimos superar desafios e sucumbimos diante de qualquer dificuldade imprevista. Sem o novo a humanidade simplesmente não teria chegado aqui e desapareceria com a morte do último ancião. Por outro lado, a preservação do velho não foi tema exclusivo de algum outro movimento histórico, mas também é uma necessidade humana. Não podemos viver sem um grande conjunto de fatores antigos e bem conhecidos, como pessoas, idiomas, alimentos, utensílios, funções, leis ou convenções. Imaginemos acordar todas as manhãs e nos deparar apenas com pessoas novas, idiomas novos, convenções novas, objetos novos... Ninguém suportaria um mundo onde tudo é novo. Assim como a vida não é possível sem o novo, também não há como estar neste mundo sem o velho.

Advogar a exclusiva existência do novo ou do velho não é apenas falta de conhecimento histórico, mas sim falta de um mínimo bom senso diante da vida. Em qualquer floresta, em qualquer ser vivo, em qualquer sociedade, em qualquer estilo, em qualquer idéia e em qualquer objeto coexistem o velho e o novo: por mais nova que seja uma substância química criada no mais moderno dos laboratórios, os átomos ou as partículas que a compõem já circulavam há bilhões de anos. Não existe tendência filosófica, científica, religiosa ou artística que possua apenas aspectos velhos ou apenas aspectos novos. Em

qualquer uma delas há fatores herdados de tradições anteriores - destinados, entre outros, a manter alguma forma de reconhecimento ou contato entre as pessoas que dela participam - e fatores que surgiram para dar conta das necessidades do presente. Talvez possa ser difícil para algumas pessoas relacionarem-se com a idéia do velho ou do novo, mas isso não muda o fato de que, dentro delas (como dentro de suas sociedades, suas culturas, suas artes, suas famílias, suas casas), aspectos velhos e novos dialogam desde seu nascimento e continuarão a dialogar até sua morte.

É preciso reconhecer, no entanto, que mentes jovens têm maior facilidade para a busca do novo, enquanto mentes envelhecidas obviamente tendem a procurar em velhas fórmulas a solução de seus problemas, ocasionando uma forte tendência à repetição (e não me refiro aqui à idade física, mas sim à disposição mental para lidar com essas duas tendências). Talvez a maioria de nós acredite que a manutenção das respostas do passado sejam suficientes para responder as perguntas do futuro. Mas uma coisa é certa: tentar construir o novo sem o velho é tão irreal quanto tentar manter o velho sem qualquer relação com o novo. Quanto ao historiador que assume essa coexistência entre velho e novo, cabe-lhe decidir o que ressaltar dentro de uma e de outra tendência, ou mesmo qual tendência valorizar, com todas as conseqüências que cada decisão acarretará. A partir disso surgem as infinitas possibilidades de um trabalho histórico e as inúmeras relações que estas podem estabelecer com nossas vidas. Não tenho dúvidas de que, se o bom historiador é aquele que resolve os enigmas que seus antecessores não decifraram, o excelente historiador é o que escolhe os enigmas cuja reflexão proporcionará mudanças profundas não apenas na relação com o passado, mas sobretudo na relação com o presente.

Aí encontramos um dos aspectos de destaque deste precioso trabalho de Guilherme Goldberg, que localiza em Alberto Nepomuceno, além de sua ligação com o velho romantismo, uma fortíssima atitude renovadora que cabe perfeitamente nas noções de modernismo de vários pensadores daquela e de nossa época. O pesquisador evita, assim, basear-se nos estereótipos que sobre Nepomuceno repetem-se de um dicionário para outro e, apoiando-se em uma pesquisa minuciosa e criativa, revela-nos um compositor bem mais dinâmico e atento às questões de sua época do que nos fazem supor os verbetes das enciclopédias. Goldberg amplia a distorcida imagem que tínhamos desse autor, para um Nepomuceno mais humano e atuante nas questões sociais de seu tempo:

“Nepomuceno era um republicano e abolicionista engajado, que acreditava no poder da educação como meio para que fossem atingidas a ordem e o progresso da nação brasileira, embora não fosse um positivista. Daí suas ações nacionalistas e populares. Quanto ao seu viés estético, sua ligação ao Simbolismo, principalmente, o coloca na mesma tradição dos principais modernistas franceses e alemães do período.”

Das inúmeras composições investigadas pelo musicólogo, duas chamam-me a atenção, justamente por sua ligação com a nossa contemporaneidade. A primeira é *O Garatuja*, mencionada no próprio título deste livro. Trata-se de uma comédia lírica inacabada (cujo Prelúdio estreou em 1904) sobre texto que José de Alencar escreveu em 1873, como parte da trilogia *Alfarrábios*. Aqui Nepomuceno nos dá uma grande lição sobre o papel humano e social daquele que descobre algum dos segredos da vida antes dos demais e que não deseja usar isso para sobrepor-se aos outros: a inovação, a transformação e a vanguarda não precisam ser sempre sérias e ascéticas; muitas vezes o

humor é um método de alta eficiência para nos ajudar na assimilação das novidades. Poderíamos até dizer que é um método solidário, pois em lugar de deixar-nos isolados com a árdua tarefa de decifrar as herméticas idéias de seus criadores, o compositor junta-se a nós e ri conosco (e não de nós...) na prazerosa tarefa de, juntos, descobrir novos aspectos e novas visões da realidade. E, quem, sabe, não sejamos privilegiados no Brasil, por podermos, mais livremente que em alguns outros lugares, usar o humor na busca do novo, como freqüentemente nos demonstrou o compositor Gilberto Mendes. Há milhares de idiomas, de convenções e de culturas no mundo, mas o riso é entendido por qualquer ser humano e em todos proporciona semelhante descontração, capaz de romper mais barreiras do que um exército. Talvez por isso os ditadores odeiem o humor e freqüentemente proibam o riso.

Outro aspecto observamos no episódio lírico *Artêmis* (1898), sobre o mito grego que Nepomuceno musicou a partir do libreto de Coelho Neto. Nesse mito, o escultor Hélio, obcecado com a estátua que esculpiu da deusa Artêmis e na qual faltava apenas a alma para haver vida, descuidava de sua esposa Héstia e de sua filha Délia, que passavam fome e frio em sua choupana. Depois de ser levado por uma voz misteriosa a sacrificar sua filha à deusa Artêmis e de ouvir o grito desesperado de sua esposa, Hélio acidentalmente derruba a estátua, que se despedaça, fazendo-o perder tudo o que amava e obrigando-o a voltar sozinho à pedreira para iniciar um novo trabalho. A mensagem é claríssima: Hélio optou por sua imagem em lugar de sua família e acabou sem nada, nem mesmo a própria imagem. Nepomuceno e Coelho Neto, com esse episódio lírico, corajosamente levaram ao palco uma das questões fundamentais do ser humano: de quem desejamos cuidar, de pedras ou de pessoas? De nossas imagens ou de nossos entes queridos? Um mito tão antigo, com uma música tão nova levou um periodista não-identificado da época a afirmar que a obra de Nepomuceno era *“escrita num estilo que é novo para ele e que está em formal oposição com tudo quanto estamos acostumados a ouvir no Lírico”*. A obra pode ter mais de um século, mas não estaríamos diante de uma situação muito semelhante no presente? De quem estamos cuidando atualmente, de pessoas ou das nossas egóicas idéias sobre a economia, a política, a ciência, a religião, a universidade, a arte, o ensino, a pesquisa? Estamos cuidando de nós mesmos ou apenas de nossas idéias sobre nós mesmos? Abordar essas questões nos leva diretamente à raiz das nossas maiores dificuldades, rompendo a ilusão gerada pelas discussões vazias sobre idéias, quando estas desconsideram sua origem humana. Talvez por isso os ditadores odeiem as questões essenciais e freqüentemente proibam as discussões.

Guilherme Goldberg nos apresenta, inicialmente, não um novo ou um velho compositor, mas uma nova relação com Alberto Nepomuceno. O maior presente do musicólogo, no entanto, é mostrar que essa nova relação nos permite ir além da mera admiração desse extraordinário personagem, para trazer aos nossos dias um exemplo que nos ajuda a lidar com as questões que hoje enfrentamos. Anos após a morte do músico inglês John Lennon, foi comum ouvir a expressão “Lennon lives”, pois seu exemplo continuou atuando na vida de muitas pessoas, assim como ocorreu com inúmeros outros mestres do passado que, mesmo ausentes, ainda nos ajudam a entender o velho e a formular o novo. Então, vale também dizer: “Nepomuceno vive”! Sua inventividade, seu aproveitamento do passado, sua força de trabalho e sua atenção ao presente, entre muitos outros aspectos, são fontes de inspiração e contínua presença para todos que valorizam a criatividade e o desenvolvimento da vida.